

# BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae S. Paulo. Setor de Publicações  
Ano I nº 2, agosto/setembro de 1990/Distribuição Gratuita

## EDITORIAL

A palavra falada, o ato, depois de transformados em palavra impressa, em letra estampada, adquirem outra forma e se fixam num tempo e num espaço. Arredondar, emendar a palavra já reproduzida, o ato preso no papel exige tempo e um novo espaço.

Assim, através do BOLETIM estaremos imprimindo ao nosso Departamento uma marca, um certo movimento, um contorno e também registrando sua história. E ambos vão constituindo-se por pequenos e grandes movimentos, em iniciativas felizes e mal sucedidas, em equívocos e êxitos.

Atentos ao tamanho de nossa responsabilidade, estamos tentando estabelecer uma forma que reflita justa e fidedignamente os passos do Departamento. A tarefa não é simples, mas, é levando em conta este compromisso que se estabelecerá critérios de seleção do material a ser publicado. É nosso projeto que as páginas de BOLETIM tragam temas e decisões tomadas em assembléias, notícias dos setores, sínteses das atividades organizadas pela Comissão de Eventos, outras questões referentes ao Departamento, bem como um debate breve de trabalhos, idéias e projetos.

Acreditamos que a atividade profissional, posições teóricas, projetos de cada um dos membros do Departamento - são conhecidas apenas por um círculo reduzido de colegas e amigos - e o BOLETIM pode servir de meio que incremente essa troca.

A igualdade dos pontos de vista a respeito da Psicanálise e do Departamento agregam as pessoas e as diferenças, se bem digeridas, consolidam o espaço de troca. EVA WONGTSCHOWSKI

# D O S   S E T O R E S



## AUTÔNOMOS

A partir da minha experiência como representante do setor curso na comissão coordenadora anterior e como membro autônomo na atual, venho colocar o seguinte:

No momento em que se pensou uma forma de organização que desse conta da condução do departamento, acentuou-se a necessidade de que cada setor não funcionasse como um estrutura independente, desligada das outras. Como levar adiante uma política científica e institucional coerente que conjugue a autonomia dos setores com uma condução organizada?

Dizer que os princípios do departamento são suficientes para nos orientar é querer tapar o sol com a peneira. Existem múltiplas situações que, por sua especificidade, demandam ser pensadas no contexto no qual aparecem; seu rumo ou resolução não dependem do setor e sim de uma política mais ampla inter-institucional que o departamento vem desenvolvendo. Com este fim foi criada a Comissão Coordenadora Geral, instância a partir da qual os setores se interligariam e proporiam ações de conjunto. O fantasma que em alguns momentos circula, de que haveria um poder autoritário ou de um centralismo supremo que poderia partir desta comissão, é apenas um fantasma. Na realidade, esta comissão é formada pelos representantes dos próprios setores, ou seja, todos os setores têm voz e voto; surge então, através dessa instância, a possibilidade dos setores opinarem sobre o que se passa em cada um independentemente da pertinência ao setor. Estabelece-se então, a partir da troca e da discussão o que acontece na instituição como um todo.

Questionar esta instância não falaria de nossa dificuldade de criar uma política de conjunto e da tendência que teríamos para a realização de práticas individualista onde cada um pensa no seu pedaço, sem poder pensar no que acontece ao nível da estrutura?

Dos nove membros da comissão coordenadora, seis são representantes de setor e três são membros autônomos. Estes, não estão na comissão representando ou discutindo a política de seu setor - sua função é colaborar e pensar estando fora do setor, o que vai permitir uma escuta diferenciada em relação à política de cada setor, colocando ênfase na interrelação dos setores no departamento.

A meu ver, ser membro autônomo não implica necessariamente na não pertinência a algum setor, pois acredito que só é possível conduzir uma instituição a partir de uma prática ativa é inserida nas questões que o dia a dia nos coloca.

Ser membro autônomo implica em não estarmos representando ou defendendo os interesse de um setor. Membro autônomo não quer dizer não engajado. Pelo contrário, o membro autônomo só pode fixar sua política a partir de sua práxis institucional. O que o caracterizaria que, em vez de representar o setor, é escolhido em assembléia geral. Participa, pois, em representação dos votos majoritários da assembléia que, se supõe, devem ter sido dados em função da atuação institucional desenvolvida.

O representante de setor é escolhido pelo grupo ao qual ele pertence, de acordo com suas forma de organização. Não imagino um membro que esteja na condução do departamento que nunca tenha tido uma prática ativa na instituição.

Penso que é fundamental trabalhar nos estatutos para que possamos institucionalizar esta ou outras forma de condução. Mas, tendo sempre em mente, o fato de que a lei deve nos permitir lidar com as diferenças e desimaginarizar os fantasmas que podem acabar levando a instituição a uma desagregação por medo de aceitar uma organização e uma condução democrática.

ANA MARIA SIGAL



## PUBLICAÇÕES

Veja em "Reportagem sobre o lançamento de Percorso N° 4



## CLÍNICA

O Setor Clínica de Psicanálise realizou no mês de junho, uma primeira apresentação de suas atividades no Espaço Aberto.

O objetivo dessa reunião foi o de promover a interlocução entre os membros do setor e aqueles com os quais compartilhamos a pertinência a este Departamento.

Nessa ocasião priorizamos divulgar junto aos colegas os procedimentos que adotamos quanto à finalidade de recepção dos clientes que chegam ao setor através da "Clínica Psicológica" do Instituto Sedes Sapientiae.

Por entendermos que a psicanálise não constitui sua especificidade a partir de critérios técnicos ou organizativos, já a "recepção" é proposta por nós como o primeiro momento de escuta psicanalítica da queixa.

O Grupo de Escuta é o dispositivo com o qual se introduz para o cliente a possibilidade da transferência, através da qual este possa articular sua demanda e iniciar seu processo de cura. Foi a discussão desse dispositivo, no Espaço Aberto, que inaugurou o trabalho conjunto entre os psicanalistas integrantes do Setor e os psicanalistas interessados na elaboração e problematização das questões que a clínica nos convoca a responder.

O Setor Clínica concluiu nos meses de julho/agosto o processo de Seleção (divulgado no número anterior do Boletim).

Temos o prazer de comunicar ao Departamento que são novos integrantes do Setor, as colegas: Maria Tereza Castello e Marina Kon Bilenky.



## GRUPO DE ESTUDOS

A idéia inicial que configurou-se como um projeto para este Setor "Grupo de Estudos" era o de propiciar um espaço de intercâmbio e de reconhecimento entre pares, pois parecia ser essa uma necessidade partilhada pelos seus membros.

Mas, a partir do momento em que a tentativa de organizar o Setor se operacionalizou no início de 1.990, outra realidade se nos apresentou: o trabalho começa a estruturar-se através de convites, pedidos de entidades ou agrupamentos externos ao Departamento, e com propostas de formação de grupos ou cursos, por parte de pessoas interessadas em coordená-los, oferecidos para membros do Departamento ou para outros profissionais.

Assim, surgiu no princípio do ano um pedido do CIEPP de Uberaba, para que o Departamento oferecesse um curso de Dinâmica Familiar e Psicoterapia Infantil.

O Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, solicitou um curso de especialização em Psicanálise, pedido esse em fase de estudos.

Outra proposta foi de um grupo de leitura de Winnicott com duração limitada.

Então, a partir desses pedidos, é que vai se delineando um perfil para o setor, que nesse primeiro momento tem como ponto de aglutinação e interesse de seus membros, refletir sobre as questões suscitadas por esses trabalhos acima mencionados, o que vai permitindo também algumas formulações sobre o que possa ser um Setor Grupo de Estudos.

Além disso, a partir deste momento definimos que utilizaremos o "Boletim" como nosso veículo de comunicação com os membros do Departamento, divulgando e convocando para as nossas atividades, os interessados.

Nesse sentido estamos convidando todos que quiserem contribuir e participar desse setor para uma reunião no dia 11 de setembro às 20:30 h, no "Sedes" sala 21.

# R E P O R T A G E M

## REPORTAGEM 1

### SÍNTESE DAS ASSEMBLÉIAS REALIZADAS EM 09/6/90 E 11/8/90

A Comissão Coordenadora Geral reuniu-se durante o 1º semestre de 1990, a fim de estudar e propor algumas modificações no Regulamento Interno do Departamento de Psicanálise, a serem votadas na Assembléia de 9/6/90. Nesta fez-se, inicialmente um pequeno histórico do Departamento, ressaltando a diferença entre o momento de instauração em 1985 e o atual. Procedeu-se então a leitura do Regulamento como é e como se propõe (esta proposta encontra-se à disposição na secretaria do Departamento).

A idéia geral da proposta de mudança está no fato de que, no decorrer destes 5 anos de funcionamento do Departamento observou-se que há várias formas de inserção e de participação e que o atual regulamento não dá conta disto; por outro lado não há necessidade de manter normas como desligamento após 3 meses de ausência nas atividades de pertinência (setores), já que este possui agora "vida própria", diferente da época de implantação. As questões que esta proposta suscitou foram várias: inicialmente perguntou-se se esta alteração não significava uma mudança de filosofia, uma mudança no princípio de Produção contido no Regulamento Interno. Argumentou-se que não, já que se percebe agora que há diferentes formas de se estar produzindo.

A questão mais polêmica girou em torno da possibilidade de que a divisão entre membros "ativos" e "passivos" viesse a instalar uma hierarquia estratificante. Entretanto são inegáveis as diferenças entre quem está participando ativamente de um setor e quem não está. Isto levantou problemas relacionados à condução do Departamento. Questões relacionadas ao funcionamento dessas duas categorias e no que esta diferença implicaria e também, de como se faria a passagem de uma categoria para outra, foram discutidas num clima de bastante "calor", e propôs-se, no final, que:

- 1- fosse feita uma Assembléia mensal, até o fim de 1990, para se poder discutir melhor essas e outras questões paralelas que fossem surgindo, já que não havia condições para votação no momento.
- 2- que aqueles que participam do Departamento atualmente sem serem membros de nenhum setor, se reunissem, discutissem essa diferenciação e enviassem suas propostas à Comissão Coordenadora Geral.
- 3- que os setores começassem a discutir as questões relacionadas a sua organização e funcionamento.

O objetivo da Assembléia de 11/8/90 foi retomar as críticas e "fantasmas" contidos na discussão da Assembléia anterior.

A 1ª questão lembrada foi a necessidade de se discutir mais no que implicava a distinção de membros em duas categorias ("ativos" e "passivos") e que reflexo isto poderia ter na eleição para a Comissão Coordenadora Geral. Um de seus representantes falou sobre o que está acontecendo de fato no Departamento: há aproximadamente 40 pessoas trabalhando efetivamente nos setores e por volta de 100, que pagaram a anuidade, participam de outras formas e que pelo regulamento não são membros. Portanto, a proposta básica de mudança visa a ampliação, para que o Departamento possa aceitar membros com diferentes níveis de engajamento ainda de acordo com a atual Comissão Coordenadora Geral, distinguir 2 tipos de membros liga-se à necessidade de que este Departamento tenha uma condução e, de que, quem o conduza esteja a par de seus vários problemas. A diferença de categorias não implica, segundo a Comissão, em hierarquia nem em rigidez qualquer membro pode vir a ser ativo desde que se decida e possa entrar em algum setor. São categorias reversíveis onde a escolha depende do indivíduo.

Surgiu então uma questão importante referente à entrada nos setores: nem sempre o simples desejo de participar é suficiente; é necessário conversar com quem já está trabalhando no setor e ver a possibilidade ou não de inserção e (ou) em que momento isto poderá ocorrer. Lembrou-se então da importância dos setores discutirem suas normas de funcionamento, trazendo-as depois para a Assembléia. Comentou-se também que a participação nos setores não se limita às atividades em funcionamento, mas podem ser propostos novos setores ou desenvolvidas novas atividades.

Neste momento foi lembrado que a proposta em duas categorias de membros não exclua o direito, a qualquer um deles, de voz e voto na Assembléia e que esta é o órgão deliberativo. Comentou-se da necessidade de serem explicitadas, de forma mais clara, como se chega à Comissão Coordenadora Geral e os critérios de admissão nos setores que até agora não foram aprovados em Assembléia e não são, nem podem ser, validados pela Comissão. O receio de que estas duas categorias possam vir a se constituir em uma hierarquia e "petrificação" do Departamento, descaracterizando-o, voltou a ser discutido e propôs-se então uma mudança no nome de membro ativo e passivo para apenas "membro" e "membro ativo" (embora isto não tenha sido votado).

Foi também brevemente comentado sobre a necessidade de se vir a discutir nos setores a questão de se aceitar

como membros, pessoas que não são, nem foram do Curso. Percebeu-se então que estavam levantados inúmeros problemas e que era preciso discutir por partes e encaminhar, em função do horário, as propostas. Concluiu-se que, para se poder explicitar e votar as propostas apresentadas, ainda é necessário:

1- fundamentar a questão dos membros contida no Regulamento.

2- discutir a questão dos direitos e deveres dos membros.

3- discutir a questão da gestão do Departamento.

A próxima Assembléia ficou marcada para o dia 15/9/90, das 9:30 às 12 horas.

Sônia Maria Rio Neves

## REPORTAGEM 2

Há alguns anos vários de nós temos refletido sobre/com as questões colocadas por dois pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. Na semana de 20 à 24 de agosto, Guattari esteve em São Paulo fazendo algumas conferências. Lá esteve Mara Selaibe, psicanalista e aluna do curso de Psicanálise do Sedes que nos aponta, nos 2 textos que se seguem, algumas de suas idéias.

A convite do PT, o filósofo e esquizoanalista francês Félix Guattari compareceu à Câmara dos Vereadores de São Paulo no último dia 20 para um colóquio aberto ao público em geral. Muito oportunamente, e a partir dos rumos que as experiências de governos comunistas e socialistas foram tomando recentemente, ele apontou para a problemática da constituição do campo político no mundo contemporâneo. Segundo Guattari, para que esse campo subsista ele necessita ultrapassar as polaridades macropolíticas (Capitalismo/Socialismo, Direita/Esquerda, Público/Privado, Desenvolvimento/Subdesenvolvimento, etc) e afirmar, urgentemente, aquilo que ele chama de micropolítica e que pode ser aqui entendida como a prática fundada na ética da heterogênesse dos sujeitos. Esta leva em conta todos os componentes e movimentos responsáveis pela produção e modelização das subjetividades.

Entre os dias 21/22 e 23 de agosto último, os programas de pós-graduação de Psicologia Social e Psicologia Clínica da PUC-SP organizaram uma série de palestras com Félix Guattari que apresentou o tema "Inconsciente e História". É sabido que, juntamente com o filósofo contemporâneo Gilles Deleuze, Guattari inventou uma prática analítica que rompe com as concepções estruturalistas dominantes no campo da Psicanálise atual. A essa prática eles denominam Esquizoanálise e afirmam que sua base está apoiada sobre o entendimento dos modos de produção de subjetividade no campo social.

Assim, durante esses 3 dias, Guattari manteve sua fala voltada tanto para uma ampla exposição de considerações que levam a uma revisão da subjetividade contemporânea, como para uma cuidadosa apresentação dos conceitos que em seu pensamento possibilitam propor o que ele chama de uma metamodelização geradora de instrumentos mais condizentes com nosso mundo em veloz mutação. Desse modo, ao invés de sugerir a substituição de um modelo hegemônico de produção e entendimento da subjetividade por outro, ele aponta para o uso estratégico e pragmático dos modelos existentes, de modo a gerar combinações mais plásticas e polifônicas a fim de que sejam evitados os tão frequentes e empobrecedores reducionismos e de que se explicita, ainda segundo Guattari, a heterogênesse dos sujeitos. (M.S.)

### REPORTAGEM 3

No último dia 23, houve o lançamento do 4º número de Percurso no Centro Cultural São Paulo. O evento fez parte do ciclo "Psiché: Quatro aborgens em psicoterapia", realizado pelo Conselho Regional de Psicologia - 6ª região e pela Secretaria Municipal de Cultura com o apoio do Instituto Sedes Sapientiae.

Às 19:30 hrs foi apresentado o vídeo "Psicologia, Imagens e Ações" produzido pelo CRP a partir do depoimento de pessoas que já recorreram a psicólogos e os ganhos que sentiram com isso, assim como de depoimentos sobre esse profissional de pessoas que nunca o procuraram.

Seguiu-se um breve debate coordenado pela psicóloga Aicil do CRP que frisou a necessidade de se lidar com o preconceito a cerca dos diversos atendimentos em saúde mental e de se instaurar um conceito do que é que a população pode de fato esperar de um profissional da Psicologia. De outro lado, tocou-se na séria questão sobre a formação desses mesmos profissionais.

A partir das 20:30 hrs seguiu-se o lançamento da revista Percurso nº 4.

Mania Deweik, do Setor Administrativo de percurso começou lembrando que aquela semana tinha sido organizada pelo CRP em desagravo à reportagem publicada no 1º semestre desse ano pela revista Veja São Paulo sobre quais seriam, no seu entender, as indicações para as diversas linhas de psicoterapia dadas as suas supostas características de trabalho. Desconhecendo o assunto tratado, "o artigo de Veja adotava um tom grotesco e por vezes beirava o ridículo", frisa Mania citando algumas de suas passagens em contraposição a trechos do vídeo anteriormente exibido.

Em sentido adverso ao "tom" desse artigo e afirmando a realidade dos benefícios que a população vem obtendo junto a profissionais da área de psicologia, várias entidades foram mobilizadas na realização desse ciclo para esclarecimento e debate da Psicanálise e Psicoterapia.

Após essa breve introdução, seguiram-se as exposições de Cleide Monteiro e Renata Cromberg a cerca do Sedes/Departamento e da Revista Percurso respectivamente. O relato que se segue foi feito a partir das colocações que fizeram quando lhes perguntei momentos antes de suas apresentações, o que gostariam de frisar em suas falas para publicação neste boletim.

Cleide fez um breve histórico do Instituto Sedes Sapientiae, seus objetivos e os motivos pelos quais este curso de Psicanálise aí se instaurou. Destacou assim a proposta do Departamento de um não-dogmatismo, a convivência com a idéia de um conhecimento não acabado, a preocupação com o cuidado junto ao que entendemos pelo específico da Psicanálise, a ameaça de perda do essencial e o constante trabalho pelo resgate de uma produção comprometida com uma certa ética no campo de saúde mental.

Cleide ressaltou as experiências da Clínica do Departamento e do convênio com a Secretaria de Saúde como exemplos da realização no cotidiano dos objetivos desse Departamento.

Na sequência, Renata fez um histórico da revista Percurso, seus parâmetros e objetivos. Frisou a importância do lançamento de Percurso nº 4 face às dificuldades que se impuseram a sua edição pelo plano econômico do presidente Collor e seus cortes relativos aos incentivos de investimento na Cultura. Assim nossa revista pode ser editada graças ao forte desejo de continua criação que se afirma apesar das adversidades históricas. Percurso continua.

Ao final houve um pequeno debate a partir de questões trazidas pelos ouvintes a cerca dos serviços oferecidos pelo Sedes e de interesses na área da Psicologia. As curiosidades eram muitas e pudemos contar com a disponibilidade de Cristina Ocariz e Cleide Monteiro no abarcamento de algumas questões. (Maria de Lourdes Caleiro Costa)



## DOS ALUNOS

Neste novo espaço, a cada boletim, alunos do curso trarão, de sua perspectiva, idéias, questões, impressões, propostas acerca do próprio curso e do Departamento.

Pode-se refletir sobre o Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae a partir de diversas perspectivas. Opto por uma delas: a relação entre Curso, "Projeto" e Departamento, e justifico esta opção pelo fato de que todos os meus outros pensamentos se reorganizaram a partir do momento que me detive para pensar esta relação, sobre a qual procurarei apontar alguns aspectos.

Falo do lugar de aluna do 4º ano, estando fazendo o Curso em 5 anos. No decorrer destes 5 anos, não há dúvidas de que o Departamento deixou de ser uma idéia para concretizar-se em setores ativos, que visam sustentar um Projeto de pensar e exercer a psicanálise segundo alguns princípios que caracterizam de forma particular o Departamento de Psicanálise desta instituição. O Curso é um destes Setores, mas de especial importância, na medida em que todos nós já estivemos, ou estamos, de alguma forma a ele ligados. Ocorre, no entanto, que no dia a dia do Curso, Projeto e Departamento raramente são apontados, tomando-se o primeiro pelo todo.

De maneira geral, embora hajam exceções, existe uma confluência de interesses por parte de alunos e professores em se ater, nos seminários e supervisões, a discussões teóricas e clínicas intrínsecas à psicanálise, sendo o modelo do consultório privado e análise individual o predominante, de forma, que embora o Curso esteja permeado pelo Projeto, não dê conta de sua totalidade. A meu ver existe fidelidade ao propósito de não se ater a transmissão dogmática de um saber acabado, e sim de pensá-lo e questioná-lo constantemente, a luz de diferentes abordagens teóricas. No entanto, ressaltada a possibilidade de produção teórica por parte de cada psicanalista o Curso falha ao não nomear o Projeto que lhe confere unidade e ao não apontar o Departamento como o lugar que pode dar continuidade a este Projeto. Corre assim o risco de ser vivido como um aglomerado de atividades isoladas e perder a abrangência a que se propõem. Da mesma forma que o Curso não pode coincidir com a totalidade do Projeto, ele também não tem como coincidir com o percurso pessoal de cada analista, o que faz pensar na importância que adquire o Departamento como lugar aonde estes interesses individuais possam ser processados.

Estes fatores me fazem considerar fundamental que o Curso possa "falar" de si no decorrer de suas atividades; como parte de um Projeto de um Departamento onde ambos se constroem, ou não, em cada aluno durante o curso. Desta construção depende a vinculação do aluno ao Departamento e, conseqüentemente, seu crescimento e a concretização do projeto.

Teoricamente cabe tanto a alunos como a professores fazer o Curso "falar". No entanto, tenho notado que a iniciativa do professor é determinante, tanto pelo lugar que ocupa como pelo conhecimento que tem da abrangência e da história do Projeto.

A título de sugestão, me parece interessante que este Boletim, por cumprir a função de falar do cotidiano do Departamento, circule nas atividades do Curso, podendo ser um disparador desta conversas.

Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila).



## PONTO DE VISTA

Nos dias 22 e 23 de Junho o psicanalista Fernando Rocha, membro da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, desenvolveu em nosso departamento dois seminários: "Questões do Corpo na Clínica Psicanalítica" e "Entrevistas preliminares, demanda de análise e início de tratamento". Neste segundo Adriana de Bona apresentou um caso clínico para debate. Segue a baixo o resumo feito pelos autores de suas apresentações.

### RESUMO DA PALESTRA: "QUESTÕES DO CORPO EM PSICANÁLISE" Fernando Rocha

Neste trabalho tentamos seguir a trajetória do corpo do infante que carrega as marcas de suas origens, sendo também memória e lugar de inscrições primitivas e históricas.

Tentamos descrever o movimento do corpo que vai da experiência de fragmentação à vivência de uma totalidade do corpo unificado, da identificação imaginária à constituição do sujeito em seu ingresso na ordem simbólica, através da linguagem.

Com comentários teóricos e apresentação de material clínico tentamos compreender psicanaliticamente as expressões do corpo nas diversas estruturas psíquicas (neurose, psicose, perversão) e no enigmático fenômeno psicossomático.

### RESUMO: Algumas passagens da minha palestra "ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ENTREVISTAS PRELIMINARES, DEMANDA E INÍCIO DE ANÁLISE.

Penso que não se tem dado a importância devida ao estudo das questões que são suscitadas tanto pelo que acontece durante o tempo que precede as sessões propriamente ditas, como pelas entrevistas preliminares. Com frequência, estas últimas, que deveriam constituir um objeto de interesse para a análise da demanda, se passam como se uma vez tendo o paciente aceito as condições materiais do tratamento analítico, a aplicação de um contrato e de um conjunto de regras técnicas fossem um instrumento infalível para produzir o surgimento de um processo psicanalítico.

Basear-se objetivamente nos sintomas não nos ajudará na avaliação do sucesso ou do fracasso da experiência psicanalítica.

(...) Se a aceitação ou recusa de um paciente para análise não depende do diagnóstico psicopatológico, qual seria então o critério?

Submeter-se ao protocolo analítico e pagar os honorários não basta como condição de análise.

Nos primórdios da psicanálise Freud centralizava as possibilidades de cura na analisabilidade sintomática, esquecendo que o paciente pode ter uma estrutura patológica que justifique o tratamento, sem ter uma demanda legítima de análise (Vide o que ocorreu no Caso Dora). Mais tarde Freud dar-se-á conta de que o tratamento de Dora fracassou por ela estar em análise por imposição familiar e não por reconhecer em si mesma um conflito. Em "Sobre o início do tratamento", no final do texto ele, afasta-se do modelo médico da análise situando a demanda na subjetividade desejante do analisando: "A força motivadora da terapia é o sofrimento do paciente e o desejo de ser curado que deste se origina".

Segundo Pierra Aulagnier, se chamamos de processo não somente a análise propriamente dita, mas a totalidade do tempo durante o qual a atividade psíquica de um sujeito realiza a experiência psicanalítica, poderemos dividi-la em quatro sequências: a) o tempo antes do encontro; b) as entrevistas preliminares ou prólogo; c) a análise; d) o post encontro ou tempo após a análise (...)

As razões de indicação de análise, estão ligadas diretamente aos critérios do analisável próprios ao analista e estão longe de ser unânimes (...)

A analisabilidade é uma condição necessária mas não suficiente ao engajamento do analista naquela análise particular. Ou seja, a indicação poderá não implicar o engajamento próprio do analista naquela análise. Aos critérios de analisabilidade que o analista deve justificar em nome de suas opções teóricas, se acrescenta um fator pessoal que parece escapar a qualquer codificação (...) O começo de análise não é uma resposta automática a qualquer paciente que nos procura. Deve ser assinalado pelo analista e marca uma discontinuidade com as entrevistas preliminares.

Freud em "Sobre o início do tratamento" faz compreender que para haver autorização do começo de uma análise é necessário um desejo decidido e que este desejo decidido deve estar articulado ao sofrimento causado por um sintoma. Um desejo de análise sustentado pelo desejo de conhecer-se melhor ou de ser analisado não é suficiente. Podemos organizar em três os momentos que atravessa uma demanda de análise (S. Jímenez);

- O instante de ver: que implica perceber o sintoma como um corpo estranho que provoca sofrimento.
- O tempo de compreender: compreender que este sintoma tem um significado que o sujeito desconhece.
- O tempo de concluir: quando o analista é investido com a possibilidade de decifrá-lo. Este último tempo implica que para o analisando o analista tenha vindo ocupar a função de sujeito suposto saber e se põe em evidência com a aparição da transferência.

- DEMANDA DE ANÁLISE, PRIMEIRAS ENTREVISTAS E INÍCIO DE TRATAMENTO  
- REVELAÇÕES DO CORPO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA (FERNANDO ROCHA - 23/06)

X e eu nos conhecemos casualmente na sala de espera de meu consultório. Ela acompanhava sua mãe, advogada de um colega que ali estava à negócios.

Houve uma atração mútua.

Tocou-me especialmente a manifestação corporal de debilidade física, contrapondo-se à sua aparência harmoniosa de uma menina de oito anos, absolutamente normal. Chamo de debilidade física, à lentidão motora de forma generalizada (necessita aparelho ortopédico e apoiar-se em algo para andar), e de aparência harmoniosa o fato não apresentar atrofia de nenhum membro, ser inteligente e ter um vivo brilho em seu bonito rosto.

O fato das idas da mãe de X serem frequentes, proporcionou outros encontros casuais, e eventualmente X dirigia-se à minha sala, como para visitar-me, mostrando-se curiosa sobre meu trabalho. Um dia, no corredor, sou abordada pela mãe, com uma demanda de que eu tratasse X, pois há muito vinha pensando num encaminhamento, e X havia lhe dito que gostaria de que fosse eu, a sua psicóloga.

Soube então um pouco de sua história. Até três anos de idade seu desenvolvimento foi normal. Nesta época, frente à uma das brigas dos pais, que estavam em vias de separar-se; X levanta-se em direção à eles, tropeça em uma almofada, cai e começa a queixar-se de dor nas pernas. Inicia-se aí uma maratona de exames clínicos, de todo tipo, sem que houvesse um diagnóstico preciso de sua patologia, enquanto se pronunciava uma progressiva perda dos tônus muscular. Foi de consenso geral (dos médicos) o encaminhamento para tratamento psicológico.

Um dia, chegando ao consultório, encontro sobre a mesa de ludo um cercado de blocos com um trenzinho dentro. Em sua próxima "visita", abordo o ocorrido e ela relata um sonho: "Você, minha mãe, meu pai e minha irmã, fomos de trem para Belo Horizonte, e eu estava na barriga da minha mãe". Pergunto: "Porque eu estava lá?" Ela responde: "Eu queria que você fosse minha mãe".

Decido então assumir o percurso analítico com ela, pois, embora de forma rara, já havia iniciado. Era evidente a transferência por ela instaurada e de minha parte um enorme interesse, ao mesmo tempo em que me questionava se eu teria o discernimento e paciência suficiente e tão necessária para acompanhar seus "passos".

Iniciamos a caminhada lentamente, passo a passo, para poder dá-los com firmeza.

Nas entrevistas com os pais surge um fantasma. O primeiro filho do casal apresentava um quadro de mongolismo e faleceu aos cinco meses de vida. As duas gestações seguintes: uma menina, hoje com doze anos (normal) e X, hoje com dez anos; foram permeadas por este temor-desejo?, além da brigas constantes e cada vez mais intensas do casal. A gravidez de X, em vias de separação a qual foi consumada quando X contava cinco anos de idade, passando a ver o pai esporadicamente, pois a mãe considera perniciososa a companhia da nova esposa. Percebo a mãe como uma pessoa autoritária e dominadora, e o pai mais brando e compreensivo mas um tanto omisso.

## O PROCESSO ANALÍTICO

Com passos trôpegos, ela circula ..., e eu posso acompanhá-la e vê-la usufruindo da possibilidade de experimentar toda diversidade de materiais lúdicos e dos espaços físicos, ali disponíveis, mostrando-se sempre interessada, imaginativa e sensível.

Esse movimento sinuoso vai propiciando a entrada em seu complexo universo psíquico.

Costuma ater-se à um tipo de atividade por algumas sessões consecutivas, ora manuseando materiais que promovem o aflorar de conteúdos regressivos onde se revela como frágil e dependente; ora usando jogos tipo socialmente aceitos, mostrando-se decidida e autoritária. Evita abordar suas dificuldades motoras, em geral mostra-se alegre, animada e bem disposta.

Noto que, qualquer abordagem com relação a seus sentimentos e sensações, desperta nela uma efusiva reação, até corporal (movimentos sistemáticos descoordenados), como se assutada, despertasse de um sono profundo. Lembro-me neste momento, do relato dos pais de que X nunca chorava ou tinha qualquer reação frente às suas brigas, ou mesmo ao apanhar.

Abordo com ela, minha percepção sobre sua postura de que eu saberia escolher melhor, de que e como brincar, e indago onde estava o que ela desejava, ao que responde: "Minha vontade está dormindo".

Nesta fase minha ênfase foi de despertar a "menininha adormecida" e propiciar espaços onde ela pudesse externalizar seu eu desejante.

Após um ano de tratamento ela escolhe a via da representação. O cenário é composto de dois ambientes: sala de ludo e sala de divã, divididos por uma porta que tem um papel importante pois quando seus pais brigavam ela

batia na porta chamando-os e em geral não era atendida.

Inicia esta fase encenando assaltos, ela montava a dramatização e os papéis variavam. Quando eu era assaltada, ela me cuidava. Na sequência traz uma boneca (bebê) de casa, que estava muito doente; pede que eu cuide do bebê enquanto sai para trabalhar. O bebê sara após algumas sessões deste jogo. Aponto esta dualidade: mostrava-se como bebê necessitando ser cuidada e ora como adulta identificada com a mãe.

Passa então a entrar num campo, onde suas propostas de representação, apontam para a impossibilidade de mover-se, através de jogos tipo: brigas de casal onde o marido quer que a mulher aborte e a espanca até sangrar e ficar largada no chão, implorando ajuda; encher a cara de cachaça e chegar se arrastando; sofrer um acidente - ser atropelada.

Inicialmente, ela propunha que eu representasse, determinando como deveria ser, depois passou a assumir o papel e num destes momentos, quando estava no chão se arrastando, pediu que eu desse gargalhadas dela e lhe dissesse: "Para com esta palhaçada!" em um outro momento quando eu me encontrava no lugar da frágil, apanhando de cinta, ao perguntar-lhe porque, ela respondeu: "Porque você roubou toda minha riqueza".

Na sequência começou a reagir com muita força no sentido de não ficar no lugar da submetida.

Ao comentarmos a dramatização, pergunto-lhe como havia se sentido quando seus pais brigavam, e ela responde: "Como se estivessem batendo em mim". Ao retornar esta sua frase em outra sessão, onde se repetiu o mesmo conteúdo, ela nega que a tenha dito e diz que estou inventando. Em geral mantém uma postura evasiva frente às minhas colocações de passagem do ato à palavra, como se nada daquilo - o representado; lhe dissesse respeito.

Transcrevo agora algumas observações de Fernando Rocha sobre o caso.

"Na conversão histérica, a psique toma emprestada uma via corporal para se expressar; no paciente psicossomático uma via física não encontra uma representação simbólica para se expressar.

Este caso é o inverso do psicossomático, ela tem acesso ao símbolo, tem uma capacidade simbólica, de representar.

É a bela indeferença do histérico, é a divisão entre o afeto e a representação.

Quando ela diz que não lembra o que te falou, ela não está mentindo, ela recalcou.

Pela capacidade que esta criança tem de expressar seus conflitos, trata-se de uma neurose infantil, de uma histeria.

Talvez ela seja o lugar do Inconsciente dos pais. Existe um casal que goza mazoquisticamente; a forma deles gozarem é se batendo. A estrutura psíquica dela vai se organizar segundo o Inconsciente destes pais. No momento em que ela está vivendo seu Édipo, quer gozar com este pai, mas mazoquisticamente, sendo batida. No momento em que eles se separam, penso que ela sente-se culpada.

A cena traumática fica impregnada de toda a história sexual. Ali, provavelmente ocorreu algo, que ela não pôde metabolizar, compreender. A situação é traumática porque não tem a possibilidade de representação.

No percurso da análise é importante este papel do analista, de objeto mediador, mas deve-se cuidar que não se torne objeto de um gozo sado-mazoquista.

A questão é como viabilizar a interpretação, como fazer com que ela mude esta via, este gozo físico para outros lugares, outros objetos; como ela vai organizar isto com você (analista).

Você poderia usar aquela fala dela: "Vamos parar com esta palhaçada", e propor uma cena onde se reconstituisse toda sua história, pois ela só pode ver as coisas fora dela, numa cena". (parte da fala de Fernando Rocha, retirada da gravação)

Na discussão do caso com o grupo foram abordadas questões sobre o lugar que ela teria ocupado na estrutura familiar. Preencher o lugar do irmão (mongol) morto; fantasias sobre aborto, etc ...

"E, de forma longa e difícil, a dor abre uma brecha para as palavras". Virgílio, Eneida, XI, 151

Adriana de Bona

A N U N C I E



## DEPOIMENTO

### G.A.M.P. - Grupo de Apoio à Maternidade e Paternidade

A origem do GAMP perdeu-se no tempo. Publicamos o nosso primeiro calendário de atividades em 1984 e, um ano depois, fomos batizados com direito a nome e logotipo.

A obstetrícia, a pediatria, o trabalho corporal, a psicanálise. Uma equipe interdisciplinar. Como traduzir e viabilizar os nossos propósitos? Que leitura fazer da nossa praxis, da ressonância de nossas clínicas?

Experiências, perspectivas, inquietações, pequenas e grandes polêmicas cujo eixo gira em torno do trabalhar com a saúde, a prevenção, a profilaxia; com a contra-mão da história, da doença e da neurose: a gênese.

Uma dialética sem fim. Da equipe, da clínica de cada um de nós e do trabalho em comum, que me faz questionar à priori, e sempre, quanto ao lugar da Psicanálise. Quanto aos lugares. Muitas vezes me sinto como um tecido conjuntivo a cicatrizar pequenos vícios, pequenas rupturas e a promover outras tantas. Outras vezes me sinto pele, ossos. Coração.

Os bastidores, um imperativo da profissão. Foram inúmeras tentativas até estabelecermos rotinas de trabalho que operacionalizassem o atendimento à gestante e ao casal.

O caráter de equipe está instituído entre nós e entre os nossos pacientes por mais que esta afirmação nos suscite inúmeros questionamentos. Unidades obstétricas foram desfeitas para dar lugar a novos arranjos, fundamentais para os partos por cesareana, que chegam a 50% dos casos. Instituímos o obstetra-auxiliar na consulta do sétimo mês e no processo do parto. A equipe como retaguarda do obstetra. O homem como retaguarda da mulher. A linguagem, a intimidade do casal, como matéria prima para o parto. Este como um gancho para algo maior: a maternidade e a paternidade.

O caráter da antiga "parteira" foi recuperado e, assim, ficou muito mais fácil acompanhar um parto pelo tempo que se fizer necessário; um aporte científico com alma. A parteira é a mesma pessoa que orienta o trabalho corporal com gestantes. Um contato semanal com a gestante e bons anos de análise permitem que se capture o que os médicos, pelas próprias circunstâncias de formação e de trabalho, muitas vezes não conseguem localizar: os medos, as ansiedades, o mais sutil.

Bastidores tão sensíveis esses de um grupo em formação, além da própria dinâmica do trabalho, como que uma disciplina também em formação. A forma e a ação.

Com o tempo, fundamentamos um calendário anual com dois programas: a preparação para o parto e o trabalho corporal com gestantes. Os para-médicos coordenam as atividades deste calendário, aberto à comunidade. Uma ou duas vezes por semana as mulheres se reconhecem e falam. Escutam. O trabalho corporal voltado para ampliar a percepção do próprio corpo: ossos, musculatura, articulações, postura e respiração; assim como na situação de parto, os modelos e os padrões são abolidos. A diversidade passa a predominar, como as impressões digitais.

Coordeno a preparação para o parto. São sete sessões para casais no último trimestre da gravidez. Desenvolvemos os seguintes temas: o parto, preparação para o parto, I e II, pós-parto e aleitamento e cuidados com o bebê. Um obstetra ou um pediatra dividem comigo alguns temas. A cada vez depuramos mais e mais a qualidade da informação médica. O grupo fala. Os homens e as mulheres. Instrumentalizamos o futuro pai para o trabalho de parto. Ele pode decidir, ao contrário de sua mulher, se entra ou não em sala de parto. Geralmente, ele decide viver o impacto do nascimento de seu filho. Um privilégio.

Em trabalho apresentado no XV Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, com 210 primíparas, mostramos que o tipo de parto entre pacientes - GAMP e um grupo controle não sofria uma variação significativa. Por outro lado os pacientes que participam de qualquer uma de nossas atividades conseguem aleitar os seus bebês por um tempo maior que o grupo controle. A presença do pai em sala de parto também diferiu significativamente. Inferimos que o nosso trabalho não é voltado para o parto em si, mas para a "postura" diante da maternidade e da paternidade.

Neste momento em que conseguimos dar conta do "pré-natal" estamos nos voltando - de novo - para o "pós-natal". Alguns fracassos e propostas sem eco nos indicam, mais uma vez, aquilo que nos escapa. Por onde caminhar.

É um trabalho extremamente gratificante. Quase nem é um trabalho, me permito dizer.

Anna Correia  
Psicanalista